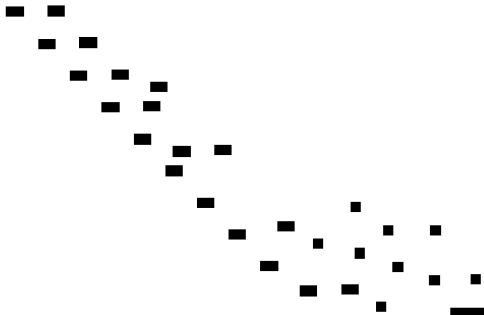
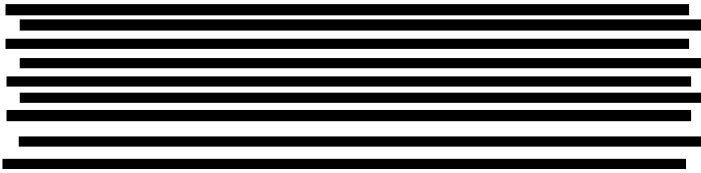


microscopias

docência-pesquisa em exercício-tradução



microscopias:
docência-pesquisa em exercício-tradução

Organização:
Máximo Adó

Microscopias
Docência-pesquisa em exercício-tradução

1ª edição

Porto Alegre
Canto - Cultura e Arte
2022

Série AtEdPo

Organizador | Máximo Adó

Vol. 1 - *microscopias*: docência-pesquisa em exercício-tradução

Coordenação da Série AtEdPo | Máximo Adó

Projeto Editorial | AtEdPo e Estudos do Corpo

Projeto Gráfico e layout | Máximo Adó - Execução: Estudos do Corpo

Diagramação | Wagner Ferraz - Estudos do Corpo

Revisão | Tiago de Moraes

Coordenação Editorial | Wagner Ferraz (Estudos do Corpo) e Diego Esteves

Editora | Estudos do Corpo

Editora parceira | CANTO - Cultura e Arte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Microscopias [livro eletrônico] :
docência-pesquisa em exercício-tradução /
organização Máximo Adó. -- Porto Alegre, RS :
Estudos do Corpo : CANTO - Cultura e Arte, 2022.
-- (AtEdPo)
PDF

Vários autores.
Bibliografia
ISBN 978-65-998129-0-3

1. Criação (Literária, artística etc) 2. Educação
3. Escrita 4. Pesquisa 5. Tradução I. Adó, Máximo.
II. Série.

22-115427

CDD-371.102

Índices para catálogo sistemático:

1. Docência : Educação 371.102

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001



CACARIA: composição em criaturas asa

Paola Zordan
Ernani Chaves



O que se cria num outro? Apenas partes de um todo sempre inapreensível. Cacos. Transcriar linhas e intersecções professor-aluno, aluno-escuta, escuta-espaco, sala, escola, pátio, árvore, ressonância, eco, mais o que aqui é impossível de ser nomeado, numa pesquisa, num Mestrado, numa escrita, tudo isso que se perde e se torna produção a fim de que possamos pensar aulas, aulas de arte, aulas para autistas. Onde esses inaudíveis penetram? Onde cessa? Será que cessa? Esse fluxo, o que se arranja, o que se aproxima e o que se distancia, o que recria quando se registra? Quando a criação cessa? Será que teve um início? Será que inicia alguma coisa? Quem disse que início existe?



Experiências de um artista professor, *professorartista*, em sala de aula de escolas de educação especial, onde o sentido da “diferença” pouco filosófico é. Traduzir uma vida nesta docência plena de epifanias e singularidades acaba dando uma perspectiva fabulatória ao que o corpo viveu. Haveria outra perspectiva? Fragmentos do vivido se apresentam numa poética dos cacos, tornando o que se realizou em sala de aula, matéria para uma escrita que não traduz realização alguma. Cacaria, matéria de pesquisa, deixa de ser um método para se tornar um modo de composição de muitas partes, corpos partidos, pedaços de coisas e espaços conjugados para além e a quem da experiência e das leituras de um Mestrado nas bordas da esquizo-análise e de conceitos avizinados por ali. Entre quarenta horas em sala de aula de rede pública e tratamentos de saúde, assimila-se autores sem disciplina escolástica, o que, de modo antropofágico e sem referências diretas, se manifesta numa escrita pouco afeita aos métodos científicos. Cacaria implica todo um maneirismo aforismático de se transpor o corpo em texto.

Brinca-se com a “cacaca” que infantis produzem quando fazem “arte”. Cacaca, caco, a cacaria performa o dadá. Trata-se de uma recolha dos cacos de outrem e de si experimentados para criar imagens e planos de voo textuais. Em cacos, estão os docentes, o corpo dos alunos, os autistas, crianças e jovens, seus acometimentos neurais, seus surtos, o cansaço docente, *pathos* tantos que nos escapam, assim como a linguagem, as onomatopeias com as quais se comunicam. Uivos, silvos, gritos. Tudo atravessa corpos, os eus dilatados, os nós apertados, os seus implicados. O corpo em sua plena cisão entre percepções sensoriais a-traduzíveis.

Um corpo e suas necessidades, um corpo ralado, um corpo que dói. Esse corpo só pode operar no limiar da relação entre desequilíbrios físicos-emocionais-concretos-conceituais. Corpo alado. Uma pesquisa com corpos em sala de aula, uma pesquisa entre professores de artes, uma pesquisa no esgotamento de horas de atendimentos e aulas. A matéria da criação da pesquisa envolve limitações, os limites dos corpos, da linguagem, das percepções mais óbvias. Múltiplas possibilidades de expressão para uma economia de palavras, toda essa fuga do que se espera, a perda do equilíbrio, do que se espera de um docente para se tornar “mestre” e ainda, o que se estratifica como o “estabelecido no ambiente de ensino”. Quais são as necessidades de quem ensina? Pode um professor ter necessidades próprias? Um professor é um corpo derramado aos outros. Sua vida se desequilibra porque não vive para si, mas, se viver para si mesmo, pouco se dá e sem este corpo impessoal em aula, nada acontece.

Explorar esse desequilíbrio, as fragmentações corporais, intelectuais e discursivas, assumir os cacos. Ninguém necessita viver de resíduos, mas se vivemos no residual, com tudo isso que nos sobra, no lixo que nos acomete, permite-se que a vida se torne algo. Agir com elementos variados, arranjos materiais com resíduos prosaicos, matérias heterogêneas e seus pedaços. Tais corpos de coisas e pessoas vão aprendendo a ocupar espaços e a aceitar o peculiar de cada biboca que os corpos podem ocupar. São maneiras de escapar das regulações escolares e acadêmicas para afirmar a força de experiências que, transcriadas, viram o que não são, sem trair a força do que se viveu. O movimento do pensar se dá nos desequilíbrios dessas infundas desordens, de forma fragmentária e não linear, criando fugas e deslizos num plano que se institui junto ao que se quer o “componente curricular arte”, potencializando relações em experiências atravessadas por limitações incontáveis.



Ernani Chaves e Paola Zordan, Cacaria I, 2020

Desenho e colagem analógica com tratamento digital, dimensões variáveis



a sala transformou - se - se / devido à toda uma pressão sofrida corpos inquietos e expansivos afetados pelo estar dentro do ambiente ao qual não se adequavam formas convencionais de conduta ESCUTA . falta de adequação alunos se deu em muitos sentidos ali adentravam tinham dificuldades _____ se acomodarem no espaço pouco apto para suas necessidades de exploração tátil e motora \ o deslocar de mesas .

combater a tensão com o mobiliário para um lado para abertura de espaços no chão _____ e o respiro de movimentos

paredes se oferecem a serviço penduram módulos tocas são construídas -----multiplicação ----- possibilidades espaço físico . cadeiras e mesas tornam-se outras coisas dissolvem normas usuais corpos passam a agir de outro modo cria-se-e-se-se-se-e-se uma aula de artes . diversifica formas texturas escalas se redimensionam /

criação infinita arranjos e variações que aspecto plástico cênico performático e relacional dizer "intervenções artísticas" . ações

planos de voo . alunos tensionam o espaço criam infinitas posturas microexplosões cabeçadas = para a experiência

deslizar rolar raspar esfregar espedaçar pintar riscar horizontalizar tatear espremer traçar bater dançar pendurar amontoar subir verticalizar chocar silenciar borrar gritar escutar esconder rastejar torcer ler xingar entortar amassar alisar cuspir empilhar desmoronar molhar dilacerar

todos esses infinitivos modos de existir nenhuma separação performance mutante e variável e assim assume-se postura do experiencial

sala de artes com alunos especiais +

_ arrasta e contamina outros espaços de aprendizado . - deslocamento corporal potencializar a abertura do espaço arquitetônico ~~convencional~~ arranjo esquivo - físico diferencial . composições visuais



O espaço para aprendizagem, em suas múltiplas configurações, implica medidas de gestos e apropriação de planos de inúmeras dimensões. Os planos são tanto as paredes que servem para pintura, colagens, esticar tecidos, fazer tendas penetráveis, tudo imanente ao próprio plano do que se fazer em sala de aula. Plano intrínseco ao que se pensa, se cria, ACONTECE. O acontecimento cacarial se desdobra, em intensidade, tanto nos espaços de pensamento quanto dentro do espaço extenso. A cacaria procede tanto em materiais que podem ser manipulados quanto conceitualmente. Não há uma separação entre o gesto virtual e o que se atualiza no corpo. Pensamentos são papéis, caixas, materiais gráficos, livros de arte, catálogos de imagens, formas geométricas e suas derivações, texturas arquitetônicas, restos da indústria e embalagens, tampas circulares de escalas variadas, potes, tintas, madeiras, cordões, cordinhas, palitos. Tudo o que pode ser empilhado, amontoado, rasgado, tudo o que é extraído dos restos daquilo que usamos e descartamos, tudo o que pode ser sobreposto com intermináveis dimensões. Tudo é conceito, sem ser. Tudo o que se viveu, tudo o que se fez. Tudo o que valeu. Tudo o que nos desloca. Tudo o que funciona, apesar do cansaço de tirar tudo do lugar. -



Um espaço outro no fabular planverso dos fragmentos existenciais de um professor em primeira pessoa que se faz segunda e terceira e o plural não passa de um sonho da escola que ninguém conhece entre os cacos/ o sono/ essas criaturas asas, autistas, espectros neuropatológicos nas pessoas do discurso que se perdem na linguagem do nunca desse mergulho no escuro onde tudo se impessoaliza em mágicas como vestes que são parangolés feitos com o que se tem no romper dos planos tal como o serviço de orientação pedagógica exige para se lutar com os planos de uma Secretaria de Educação não afeita a que professores estudem mais/ sem licença/ sem folga/ sem piedade aos corpos/ criatura asa navega em um oceano de cão onde nos encontramos em múltiplos pedaços junto a corpos/ no corpo de uma criança em situação de risco que cria pêndulo da ilusão pontual/ por isso tudo vamos cercar o plano/ cacar/ chorar/ lambuzar a mão na membrana que abana o plano/ adentrar na caixa nave/ todas essas pessoas imprevistas engolfadas pelo plano de cacos submersos e desenhos escritos com varinhas cujo condão é nosso encontro que a toda hora foge nos desvios lineares da cor que derrama em todas essas asas que se tornam mágicas vestes as quais serão rompidas porque não mais

servirão para toda a luta que estar ali exige/ a criatura/ as asas/ as cacadas/ toda revoada/ todos cães/ latimos/ múltiplos pedaços/ cacaca/ nos derramamos/ o plano se faz volátil/ camaleão/ cama e leão/ mas o leão é só um gato/ um gato pode ser cão/ o cachorro vira leão/ as asas do gato o tornam uma esfinge/ a asa não tem fim/ voar e planar/ aterrissar e saltar/ outra vez/ numa asa que nunca enxergaremos pois é asa desse plano infinito que nenhum olhar ou palavra abarca.



Criaturas asas são formas de existir e de operar em algum lugar onde a arte se prolifera. Sabe-se apenas que podem incorporar múltiplos devires. Viram animais, vegetais, minerais, se molecularizam. Trabalhar com essas criaturas é estar aberto a ações impensáveis, a viver situações que percorrem no delírio indiscernível. Sua forma que é líquida e volátil, se move conforme a terra muda seu curso. A cada milésimo de segundo uma criatura asa se vai e se configura em alguma substância que não conseguimos perceber ou definir. O trânsito é imperceptível, pode a qualquer momento incorporar e se mudar sem ao menos reconhecermos sua definição. Não existe definição para uma criatura asa.



fabular para criar criaturas

a fabulação não é humana, é alada

não seria suportável, sem fabular

~~toda realidade~~ é sensível e complexa

a escrita, , , a incompletude

realidades se perdem

a forma incorpora e vem

desvendar olhares singulares é pretensão e só

uma produção não determina nenhuma leitura entendedora

nada pode ser determinante

- o Magistral está longe da experiência
aqui, quem ensina é o absurdo
fabulação não é bem uma criação, tampouco algo que age
os flaps de autistas e suas corridas batendo seus braços com
muita força: criaturas asas



No impulso de experiências, em escola, com alunos dados com neuropatologias várias, cria-se. Somente um modo de escrita residual, que se dá pela junção de pedaços, torna uma pesquisa com arte, em sala de aula, com autistas e outros espectros que fazem diferir corpos, linguagens e aprendizagens, possível. Entre um corpo que ensina e muitos corpos que aprendem, longe do que se entende como aquisição de códigos, leituras espaçadas, falhas, algo acontece. A cacaria se faz no residual de todos esses encontros, das perdas, de aulas não assistidas, de livros não lidos e arguições nem sempre presenciadas. Em meio a esses cacos, estudos e tratamentos, conceitos são tomados de modo a se traírem e não dizerem de que fontes o texto os bebeu. Autores foram deglutidos e regurgitados num processo antropofágico que dispensa citações e referências precisas. Uma ascese é exigida, mas entre a farmácia, os carimbos, a geladeira, o livro-ponto, a cafeteira, a fisioterapia e algo para encher a barriga, só sobra essa escrita fragmentária, feita aos pedaços, por várias mãos, corpos e cabeças. O *stricto senso* impede a pessoa de respirar. A vida precisa parar para um mestrado existir. O resultado, colaborativo, é essa escrita aforismática, experimental, que assume a ruptura com estruturas narrativas e com dissertações teóricas. Afirma-se poesia, pois, em vez de travar um texto com análises de um campo empírico, com explicações filosóficas, com amostragem de uma realidade, com a descrição de uma problemática, procura tornar a pesquisa respirável. O pensamento aí está, no fora, dentro da vida, de mil horas em sala de aula e uma casa que acumula pó.



Cacaria desenvolve um maneirismo transcriador para erguer uma pesquisa que sobrevoa práticas e espreita conceitos sem os compreender se não os intuindo em possibilidades pré-filosóficas que nunca se esgotam. Cacaria para poder planar, nem que seja rasteiramente, numa vida em sala de aula. Todas intuições, coletadas aos pedaços, porque em frangalhos se trabalha e se pensa, não tratam diretamente do que acontece e do que se faz em aulas e mais aulas. O corpo do professor, que se esquece artista, perde-se em sala de aula. Aqui, no caso, mais especificamente em uma sala de artes de escolas ditas “especial”. Alunos que desviam do que se quer como “normal”, mas, nem por isso, diferentes. Diferença, mostra filosófica, conceito que confunde, uma diferença e outra. Assim, na tal diferença que não é a diferença dos especiais, aceitamos aberrações, seja como artistas, como professores, como pesquisadores. A pesquisa aceita distorções filosóficas perante conceitos pouco sustentados, pois o que procurar exprimir encontra-se nas bordas, nas margens, na vida e na linguagem desregrada do professor que escreve e lê acontecimentos. Rasteiras? A sala de aula e os corpos, com seus acometimentos, na fragilidade e no esgotamento de quem ensina, na dor da pessoa que precisa apresentar resultados aceitáveis, é matéria de escrita e de criação. Sem se mostrar.

A pesquisa cacarial não apresenta casos, pessoas, propostas de ensino, relatos de aprendizagens, não há aqui fotografias de alunos e nem de seus trabalhos e realizações. O que traz são registros pervertidos pelos autores, uma captura parcial, em cacos, do que se pensa e vive. Trata-se, de algum modo, de uma *fragmática*. Os registros oferecem imagens advindas da documentação desse que quer professor-artista-pesquisador-propositor. Explora enquadramentos, cortes e reenquadramentos enquanto processo de conceitos que se confundem com as sensações dos blocos. Registros fotográficos de espaços, materiais, posições corpóreas e outros elementos são mexidos e retrabalhados com colagens e desenhos que, posteriormente, são transpostos a novas composições e riscos, digitalmente. Partes de corpos, mesas, trabalhos de alunos e salas de aula, fotografados em escolas de diversos tempos e locais, se tornam outra coisa, outro plano. Cacaria, se estabelece algum método, é um planar para tais superfícies transcriadas. Não há previsão, portanto, se há método, este escapa.

Cacos de vida, tais registros que poderiam ser tratados como proto-metódicos, recaem em maneirismos e vem se tornar matéria para pensar corpos. Corpos aos pedaços, corpos docentes, corpos mórbidos, corpos potentes. Corpos de encontros. Corpos que viram imagens que mostram, sem nenhum outro sentido se não aquele que o rastro fragmentado de uma singularidade, o que se consegue criar. Sabendo que operar num corpo outro pode ser uma coleção de tentativas cambaleantes, deformadas: operar a própria inflexão. Ao fazer de tudo isso pesquisa percorre-se sentidos transitivos e seus desdobramentos vários, os quais acionam as rebordas aladas das experimentações. Desse modo, as cacarias fazem relações intrínsecas entre o texto e a imagem, assumindo a bricolagem como recurso e força de composição, tanto textual como visual. Fotografias que registraram criações, gestos, *insights*, se apresentam de forma sobreposta em técnicas de mixagens variadas. As imagens dessa pesquisa cacarial partem da vida em sua captura de produções e momentos, mais papéis recolhidos, mais riscos, mais variáveis de mãos agindo e cortes e fragmentos aleatórios, desenhos, colagens, uso de canetas esferográficas e lápis de cor. Não se estabelece continuidade alguma, tampouco uma narrativa sequencial, mas sim sobreposição de palavras, cacos de coisas, aproximações e afastamentos visuais na experimentação entre a palavra, o movimento e a escrita.

São cacos das experiências pelas quais a pesquisa problematiza sua própria existência enquanto pesquisa. Pedacos de imagens ao acaso, destituídas de alguma

semelhança com o real expresso pela matéria da pesquisa, sem compromisso algum com organizações narrativas *a priori* e dados historiográficos, dão a ver formas esquizoides e sofrimentos vários. Trata-se de romper com as personalizações de dados para aglutinar afectos em suas singularidades. Opera por imitação, repetição, maneirismo. Essa maneira cacária de se escrever e se criar com fragmentos aceita o espaço enquanto embate de forças num jogo aleatório. Suas acumulações são imprevistas, vão deixando que o espaço seja preenchido por coisas e resíduos os quais se tornarão a própria matéria a ser trabalhada. A cacaria é a experiência, o processo e a investigação desse espaço de encontro. Cacariar se dá no acontecimento que fala sem saber o que diz, ainda que seja um corpo a se manifestar. Cacariar é expressão de um sentido sem lógica, acontecimento incorporal, que nunca traduz a experiência vivida e a aprendizagem possível de ser testemunhada. Os corpos aprendem, mesmo quando seja impossível decodificar os signos. Expressão de um sentido que escapa, acontecimentos não são os fatos que criam corpos e espaços. Acontecimentos não são dados e sim forças infinitivas a re-velar encontros, corpos e aprendizagens. O caos, contramestre da marcha, mostra o quanto a racionalidade e seus centralismos ficam em segundo plano. Esse plano é pleno de desnivelamentos e rugosidades, nunca será reto, muito menos regulador. O plano existe em relação aos corpos, sendo o que se extrai como racionalidade é uma ínfima parte de um todo sem fechamento. O procedimento cacarial lida com um sistema aberto, errático e criador, que move afecções corpóreas e mostra os (de)efeitos do que acontece. Transcria imagens e escapa das identificações, das personalidades, dos fatos e suas finalidades, permitindo que cada parte traga uma inquietação de continuidade e descontinuidade. Os elementos não se fixam, mas possibilitam uma infinidade de leituras, coleções de imagens, constelações icônicas, bricolagens. Superfícies, mesmo quando com bordas, nunca acabadas. Superfícies que nunca passam de retalhos de uma unidade dogmática-crítico-analítica que a própria experiência docente rasgou, deixando a docência para se tornar estritamente magisterial. O que vem a ser uma aula, uma obra de arte, o que vem a ser uma pesquisa, o que vem a ser uma dissertação, um professor, um artista, esfaca-se.



Ernani Chaves e Paola Zordan, Cacaria II, 2020

Desenho e colagem analógica com tratamento digital, dimensões variáveis



imagens se processam , via com os alu-
nos memórias
recriação despedaçamento de tudo o que foi visto e vivido
experiência deformada , destituída não só do prisma
ótico ,
existência e continuidade o que se de-forma à imagem convencional
figuração resultante ações com o corpo
professorartista mover-se no espaço ,
tornar-se a própria imagem fazer pensar o espaço na imagem , sem
contornar respostas , o corpo em movimento , se deslocando
, erroneamente , ao acaso , relação
com as superfícies , com os materiais ,
disposições e proposições de um artista e professor
fratura uma abertura para possibilidades
de expressão
diálogo com o espaço de aula
cria matéria de pesquisa , cuja
empíria se dá na própria recriação
vivido

escrileitura fabulatória.

uma sala de artes espaço visual sem ponto fixo
, vem compor uma transitividade
de sentidos múltiplos acúmulos , experimentados frag-
mentariamente diferenças do que se transcria
em variações corpo-espaço-vibrações-emanções-acúmulos
formas de produzir cacos escapam pelos ges-
tos , nos comportamentos, nas trocas interpessoais

modos incansáveis	aproximar e re-aproximar	riscos e linhas
escuta de sons de um tempo outro	não se distinguem ,	na espera no olhar de um gesto
se constrói		
inúmeras tentativas movimentos	intervenções e	ampliar as percepções limites



Cacaria pode ser tanto um método como um tema e problema de uma pesquisa que trata de sala de aula, vida, trabalhos artísticos, crianças e jovens autistas e outros alunos com espectros distintos, os quais fazem tais criaturas em escola básica estranhar linguagens e o que se presume como “aprendizagem normal”. Cacaria se faz como um fazer, um tratar sem falar, sem explicar, sem dizer de fatos, sem sujeitos, sem objetos de pesquisa. Mostra o quanto alguns alunos têm, no que se compreende como arsenal sensível, “potes” com cacos dos quais se podem valer. Cacaria é esse modo de organizar aquilo que jamais será linear. Quando alunos ditos “especiais” se desorganizam, tais “potes” são reservas de autonomia. Essa cacaria é o que possibilita jogar para cima, na medida que o espaço comporta, todas as peças que ali estão depositadas, para, então, perceber como tudo ao acaso caiu e, assim manejar e agir de acordo com o que o acaso oferece, como nos procedimentos dadá. Tanto professor quanto alunos agem de acordo com a maneira que estiver na sua possibilidade de arranjo. Uma matemática da desorganização e sua irregularidade num campo que se delinea como arte, em performance. Tudo o que pode se entender como aprendizagem, neste âmbito, são as inúmeras ações já agregadas na vida. O despertar de uma linguagem audível, apropriação de matérias, gestos que se modificaram, interesses que se acordam, livros que se tornam fontes de curiosidades, nomes de artistas são verbalizados em repetição, transtornos que se acalmam, aquisição de algumas convenções, sensibilidades a certos signos, trânsitos se tornando mais fluentes, tempos que aumentam sua elasticidade, tolerância relacional: o que pode ser circunscrito como “avanço”. São cacos que se organizam em inúmeras formas e sentidos, composições que se enriquecem e dão vazão a outras configurações. Cacos que transitam por outras salas e passam a afetar seu entorno. Procurar por qualquer material mais estruturado, tendo tais alunos percepção de sua potência e multiplicidade, são os indícios de que o plano de voo cacarial tem efeitos que talvez explicitem aprendizagens. Porém, tudo são apenas fragmentos de experiências, encontros lembrados, rastros de um professor que também se conhece artista, rupturas do que se pensa enquanto o que vem a ser

criar ações com os alunos, desvios de qualquer forma preestabelecida, estranhezas. A criação de uma maneira que possibilite a singularidade, na presença, trazendo algumas impressões em torno dessas muitas experiências no inabarcável do pensamento em movimento.



Referências

- BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- CORAZZA, Sandra Mara. (Org.) **Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar**. Porto Alegre: UFRGS, 2017.
- CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Supernova, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ZORDAN, Paola. Bricolagens, força frágil. **Contemporânea** – Revista do PPGART/UFSC, v. 3, p. 1-16, 2020
- ZORDAN, Paola. Dos restos, uma fabulação. In: Paola Zordan. (Org.). **Iniciação à Docência em Artes Visuais: Guia e Experiências**. São Leopoldo: Oikos, 2011, v. 1, p. 129-137.
- ZORDAN, Paola; SOUZA, Anderson Luis de. Maniera Morai. In: CORAZZA, Sandra (org.). **Métodos de (trans)criação: pesquisa em filosofia-educação da diferença**. São Leopoldo: OIKOS, 2020. p. 451-474.
- ZORDAN, Paola; FOGAZZI, Simone. **Da pesquisa-sensação: fragmentos**. In: CORAZZA, Sandra; ADÓ, Máximo; OLINI, Polyana. (Org.). **Cadernos de Notas 9: Panorama da pesquisa em escrituras: observatório da educação**. 1ed. Porto Alegre: UFRGS, 2016, v. 1, p. 26-37.
- ZORDAN, Paola. **Fragmentações, Dilacerações, Diluições**. Revista Artíficos, v. 1, p. 1, 2011.
- ZORDAN, Paola. **Motivações para escrita a partir de notas em torno de si e dos outros**. Polis e Psiquê, v. 9, p. 205-217, 2019.
- ZORDAN, Paola. **Para artistas des-instituídos**. Arte contexto, v. 5, p. 1-1, 2018.
- ZORDAN, Paola. **Aulas de artes, espaços problemáticos**. In: Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu/MG, 2007. Disponível em: < http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3009--Int.pdf > . Acesso em: 24 mai. 2018.
- ZORDAN, Paola. **Frágil: perspectivas extemporâneas no ensino de artes**. In: Ursula Silva; Nadia SennMirela Meira. (Org.). **Memórias e Perspectivas contemporâneas da arte/educação no RS**. Pelotas: UFPEL, 2016, p.74-84.
- ZORDAN, Paola; SOUZA, Adrise. Ferreira. **Espelho quebrado: fotografia e fragmentação**. DISCURSOS FOTOGRÁFICOS (ONLINE), v. 16, p. 120-143, 2020.